

QUÍMICA PRESIDENCIAL

*** Roberto Rodrigues**

Os Presidentes Lula e Obama se reúnem hoje, em Washington, e tentarão acertar os ponteiros na direção de uma agenda comum.

O agronegócio brasileiro tem muito interesse no resultado dessa reunião, devido a um grande número de itens que afetam o setor. O cumprimento, por parte dos americanos, da decisão da OMC que determina a redução dos subsídios ao algodão é um tema, bem como a abertura do mercado deles à nossa carne verde e a redução das tarifas sob nosso suco de laranja.

Mas há dois deles que são de fundamental importância: a conclusão positiva da Rodada Doha que significaria aumento do comércio agrícola mundial e a importação, pelos EUA, do nosso etanol.

O primeiro encontra resistência entre os países desenvolvidos por causa desta nova onda de protecionismo determinada pela crise econômica global, que objetiva reduzir o desemprego, a quebra de empresas nacionais destes países e a própria recessão. O presidente Obama em linha com outras lideranças primeiro-mundistas tem falado contra o protecionismo que distorce mercados, mas isto precisa ser posto em prática.

Já a questão do etanol é aparentemente menos complicada.

Há pelo menos duas grandes razões para os Estados Unidos comprarem nosso produto.

A primeira, apontada pela Comissão Internacional de Biocombustíveis é que, pela legislação sobre energia votada em 2007, os americanos precisarão de 36 bilhões de galões de etanol no ano de 2022, cerca de 130 bilhões de litros, quase cinco vezes mais o que podem produzir hoje. E a Flórida sozinha adotou a meta de 10% de etanol em toda sua gasolina já no ano de 2010.

Produzir 36 bilhões de galões já era bastante difícil antes da crise, principalmente porque a matéria prima para o etanol americano é o milho e aí há uma certa disputa com alimentos. Até por isso eles investem vigorosamente na pesquisa de etanol de celulose, com resultados que virão no médio prazo. Por causa disto, saiu o acordo entre Brasil e EUA, para estimularem juntos a produção de etanol da cana em países da América Central e do Caribe, onde projetos vêm sendo desenvolvidos com a ajuda da Fundação Getúlio Vargas.

Com a crise os preços do petróleo caíram, bem como os do milho. Indústrias de etanol que haviam comprado o cereal a 5 US\$/bushel no mercado futuro, ficaram no prejuízo com a queda dos preços. Com o petróleo barato, perderam competitividade e muitas fecharam.

Isso tudo complicou ainda mais a meta para 2022 e o Brasil pode ser o grande supridor da demanda não resolvida internamente, com um projeto negociado e crescente ano a ano.

A segunda razão é ainda mais importante, e vem sendo amplamente divulgada pela ÚNICA, e tem a ver com o aquecimento global. É sabido que o etanol produzido pela cana – considerado todo o ciclo, desde o plantio até a queima do combustível – emite apenas 11% do CO₂ emitido pela gasolina. Desde 2003, o uso do etanol em carros flex no Brasil evitou a emissão de 42

milhões de toneladas CO₂, segundo a entidade, equivalentes ao efeito de 143 milhões de árvores durante 20 anos!

Eis uma vantagem extraordinária para o meio ambiente, tema para o qual o Presidente Obama tem sido muito mais sensível que seu antecessor.

Esperamos que a “química” entre os dois presidentes, hoje, seja também maior que a que havia entre Lula e Bush. E contribua para a construção do tão sonhado mercado global de biocombustíveis.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**